

O NATURISMO COMO ECOLOGIA DO CORPO: UM EXEMPLO VIVIDO NA PRAIA DE TAMBABA, PARAÍBA, BRASIL

Recebido em: 20/01/2016

Aceito em: 05/08/2016

*Bernard Andrieu*¹

Université Paris Descartes
Paris – França

*Terezinha Petrucia da Nobrega*²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – RN – Brasil

RESUMO: As relações entre corpo e natureza constituem um capítulo fundamental dos estudos da corporeidade e da ecologia corporal, articulando questões ontológicas, éticas, sociais, educativas. A partir de referências francesas e brasileiras apresentamos uma reflexão sobre corpo e naturismo, destacando-se aspectos ligados à uma ética do corpo, à higiene, ao lazer, à nudez, ao pudor. Apresentamos como exemplo a prática do naturismo na Praia de Tambaba, situada no município do Conde, a aproximadamente 30 Km de João Pessoa, Paraíba, Brasil situando-a no contexto da ecologia corporal.

PALAVRAS CHAVE: Corpo Humano. Nudismo. Ecologia Humana. Atividades de Lazer. Praias.

LE NATURISME COMME L'ÉCOLOGIE DU CORPS: UN EXEMPLE VECU DANS LA PLAGE DE TAMBABA, PARAIBA, BRESIL

RESUME: Des relations entre le corps et la nature constituent un chapitre majeur des études sur la corporeité et l'écologie du corps, articulant des questions ontologiques, éthiques, sociaux, éducatifs. A partir des références françaises et brésiliennes ont présent une réflexion sur le corps et le naturisme, en soulignant des aspects relatifs à une éthique du corps, à l'hygiène, aux loisirs, à la nudité, au pudeur. On présent comme exemple la pratique du naturisme dans la plage de Tambaba, situé dans la commune de Condé, à environ 30 km de João Pessoa, Brésil en la plaçant dans le contexte de l'écologie du corps.

MOTS-CLES: Corps. Nu. Naturisme. Écologie. Loisirs.

¹ Filósofo, professor em STAPs, Diretor do Laboratório de Pesquisa Técnicas et Enjeux du corps.

² Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Do naturismo Europeu ao Naturismo Brasileiro

Inicialmente cabe esclarecer que entre naturismo e nudismo não há uma relação direta, posto que se pode praticar o nudismo sem necessariamente integrar o movimento naturista, sendo o contrário também verdadeiro. No entanto, as relações entre naturismo e nudismo são bem documentadas pelos estudiosos da questão em diferentes abordagens que abrangem o campo da história, da sociologia, da filosofia, da educação (DESCAMPS, 1972, 1987; BOLOGNE, 1986; BARTHE-DELOIZY, 2003; BAUBÉROT, 2004; URBAIN, 1994; VILLARET, 2005; PEREIRA, 2006; REIS, 2008; ARRIAL, 2009). Nessas referências, o nudismo é compreendido como um comportamento que favorece o naturismo quando exercido segundo normas e códigos estabelecidos pelas diferentes associações que organizam e divulga essa prática, diferenciando-se do nudismo encontrado em outras práticas sociais como movimentos de contestação social (*Hyppies, Femen, Love Parade, Gay Pride*) ou mesmo a pornografia.

De acordo com a Sociedade Francesa de Naturismo (*Fédération Française de Naturisme*), criada em 1950, o naturismo é compreendido como “[...] uma maneira de viver em harmonia com a natureza, caracterizada pela prática da nudez em comum e que tem por consequência favorecer o respeito a si mesmo, aos outros e ao meio ambiente” (FFN, 2015, *passim*). Essa definição baliza a prática do naturismo ainda hoje não apenas na Europa, mas também no Brasil.

A história do naturismo na França é marcada pela criação da *Ligue Vivre*, em 1927 por Marcel Kienné de Mongeot (1897-1977), inspirado na cultura alemã. A liga reunia 3000 membros ativos dos *Clubs Gymniques* (Clubes Ginásticos), chegando a 25.000 membros em 1935. Ele cria em 1928 o *Sparta Club*, um espaço gímnico ao ar

livre no parque do Castelo de Garambouville, departamento do Eure – e, dois anos antes, em 1926, a revista *Vivre Intégralement*, dedicada à higiene social e à livre cultura. A revista passa a se chamar, a partir de 1932, *Vivre et Santé, Joie, Beauté* [viver e saúde, alegria e beleza] e depois, em 1934, *Vivre Santé*. Essas publicações, acompanhadas de luxuosos álbuns intitulados “A Glória do corpo humano”, consagravam-se à *gymnosophie* [filosofia ginástica], à sensualidade e ao erotismo (ANDRIEU, 2008).

O grupo *Les Amis de Vivre d’Alger* [Amigos de Alger] com sede no Marrocos, nas cidades de Rabat e Casablanca, ligados ainda a Tunísia, foi acompanhado pelo jornalista Roger Salardenne. Em sua enquete com o grupo naturista de Alger, publicado no livro *Le nu intégral chez les nudistes français* [o nu integral dos naturistas franceses], precisa que “[...] a Algéria é evidentemente uma terra ideal para a prática do nudismo” (SALARDENNE, 1929, p, 160), mesmo se parques fechados existem para a comunidade, os naturistas “organizam frequentes excursões ao longo do litoral mediterrâneo ou nas montanhas algerianas” (SALARDENNE, 1929, p, 160). Outras atividades compõem a cultura física, como descreve o jornalista em sua reportagem: “Sem roupas, fazemos a cultura física, dançamos [...], danças gregas, rítmicas ou ainda farândolas” (SALARDENNE, 1929, p.67)

Fundado como um lugar alternativo, *l’Espace du possible*, “o espaço do possível” nasceu em 1977 de uma utopia social e individual como sonho californiano do então jovem estudante em psicossociologia e gestão Yves Donnars. Tendo justo iniciado nas psicoterapias humanistas, ele procura dar vida as teorias que acabara de descobrir nas dinâmicas de grupo: potencial criativo de cada um, busca da autenticidade nas relações como o outro, partilha da alegria de uma “liberdade refletida”. Ele deseja

fundar um lugar alternativo em um castelo perto de Paris. Assim, graças a uma herança familiar ele se torna proprietário de um imenso terreno na costa oeste francesa (DONNARS, 2001).

A prática do naturismo na França continua a se desenvolver através de diversas associações do gênero, incentivando diferentes práticas corporais, em especial voltadas ao lazer. Assim, por exemplo, a organização de “*randonues*”³ [expedições nuas] pelos nudistas se apropria da natureza por uma imersão nas trilhas públicas, demarcando-se de toda forma de exibição quer seja comercial, sexual. Expedições como essas são baseadas no turismo sustentável e fazem “viver um naturismo autêntico em simbiose como o meio ambiente local” (BARTHE-DELOIZY, 2003, p. 61).

Esse breve panorama coloca em evidência a prática do naturismo na Europa, especialmente na França, como uma prática coletiva balizada por regras e códigos de comportamento específicos em determinados espaços públicos e com finalidades higiênicas, estéticas, recreativas, educativas e de lazer. Percebe-se também a importância dos meios de comunicação, particularmente de revistas especializadas na difusão dos princípios do naturismo e da compreensão da nudez no interior dos clubes e associações vinculadas ao naturismo com objetivos higienistas e de lazer geralmente praticado em família ou entre amigos em períodos de férias.

Nesse movimento, destaca-se uma filosofia do corpo ligada a nudez, ao bronzamento e a prática de exercícios ao ar livre. Segundo Descamps (1972), a *gymnité* é uma filosofia do nu inspirada nos gregos e seus ideais de beleza e nos sábios orientais que praticavam a ascese e a meditação nus. O naturismo alimenta-se ainda das

³ Gilles Ménager funda a Apnel (Associação para a promoção do naturismo em liberdade), posteriormente presidida por Sylvie Fasol, conforme matéria escrita por Hubert Prolongeau, intitulada *Mise à nu*, *Journal Libération*, 11 novembre 2008, p. 32. Outras informações sobre essa associação são disponíveis no endereço eletrônico <https://apnel.free.fr/>, Disponível em: 29 dez. 2015.

filosofias da natureza, em especial do mito do “bom selvagem” que se desenvolve na Europa no contexto das Luzes. Não nos propomos neste artigo retrair esse itinerário histórico da nudez ou da filosofia da natureza, atendo-nos ao contexto das práticas naturistas tendo vista refletir sobre a ética do corpo e sobre uma ecologia das práticas corporais.

De acordo com Baubérot (2004), o naturismo consiste em um vasto projeto de reforma dos modos de vida através do contato com a natureza. Trata-se ainda de herança da medicina neo-hipocrática e vitalista do período das Luzes que perdurou ao longo do século XIX, sendo fragilizada pela revolução pasteuriana e a demonstração do papel dos micróbios na transmissão de doenças. De todo modo, o naturismo é associado à moderação da alimentação e ao abandono de substâncias tóxicas ou excitantes como o álcool e o tabaco; bem como propaga a leveza da vestimenta e os cuidados com a limpeza corporal, a prática de exercícios físicos e a exposição regular do corpo aos elementos naturais.

Para o historiador, o naturismo consiste também em um projeto de regeneração do corpo do indivíduo e do corpo social. Nesse contexto, a nudez aparece como um potente meio para contestar o materialismo da civilização contemporânea associado também ao lazer, a vida ao ar livre e a uma dimensão hedonista que se distancia do ascetismo presente no surgimento do movimento naturista e que trataremos mais adiante neste artigo (BAUBÉROT, 2004).

Em sua psicossociologia do naturismo, Descamps (1987) discute diversas objeções que são feitas ao naturismo, em particular relacionadas ao pudor e a certa repulsa quando ao aspecto “selvagem” da prática. O autor apresenta uma reflexão que

remete à aparência do corpo nu e sua ligação com preconceitos, tabus e repressão sexual.

A geógrafa Barthe-Deloisy (2003a) aponta para o poder de fascinação que exerce os corpos nus sobre os olhares. Assim, a consciência da nudez se constrói a partir da imagem de um objeto ao mesmo tempo estranho e familiar: o corpo. Das grandes descobertas à colonização, encontramos relatos dessa fascinação exercida pela nudez dos “selvagens”.

No Brasil, os índios andavam nus. Evidentemente não se tratava de uma prática naturista nos moldes como foi formulada na Europa do século XIX. De fato, o modo de vida dos índios causou espanto aos europeus que aqui chegaram, como podemos perceber na famosa Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, em 1500 quando do descobrimento do Brasil.

[...] acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas [...]. A feição deles é serem pardos, avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto [...] (CAMINHA, 2014, passim).

A passagem realça o olhar do europeu, branco e civilizado, sobre a aparência dos habitantes do Brasil nos anos de 1500 e o aspecto inocente da nudez. Lévi-Strauss (1964), em suas mitológicas, vai identificar a nudez ao “cru”, ou seja, a um estado que precede a cultura. Nesse contexto, os ornamentos corporais e as vestimentas pertencem à classe do “cozido”, ou seja, à cultura. Essa compreensão atravessa vários estudos sobre o naturismo.

De acordo com Barthe-Deloizy (2003a), o naturismo é uma expressão da ideologia fundada na imagem mítica da natureza e de uma ética de vida. A nudez naturista é reivindicada, desde suas origens na Alemanha do século XIX, como uma reforma de vida, uma prática na natureza e a expressão de uma contestação da civilização urbana e industrial nascente.

No Brasil, o naturismo surge através das iniciativas pioneiras de Dora Vivacqua, a dançarina Luz Del Fuego. De acordo com Silva (2014), Luz Del Fuego “[...] não entendia a nudez como imoral, imprópria ou um problema. Defendia que as pessoas podiam conviver nuas [...]. Pensava a prática nudista enquanto movimento organizado, recaindo sobre si a primazia da organização do naturismo no país” (SILVA, 2014, p. 5). Com esse intuito Luz Del Fuego cria o Partido Naturalista Brasileiro. Em um de seus discursos, publicado no Diário Carioca, no dia primeiro de janeiro de 1950, ela apresenta sua proposta política em torno do naturismo, do feminismo, da arte e da justiça social:

Contra a realidade social injusta, vestida e opressora, sem loucura, sem prostituição, sem penitenciárias, fundei o Partido Naturalista Brasileiro [...]. Devo destacar que os principais pontos são defender a mulher perseguida pelos preconceitos sociais; amparar os artistas em geral [...]; demonstrar e propagar a desnecessidade de certas peças da indumentária usada pelo nosso povo, com relação ao clima do país; defender o divórcio como medida moral; lutar pelo barateamento do custo de vida” (LUZ DEL FUEGO apud AGOSTINHO, 19994, p. 201).

O partido não foi registrado. Após esse episódio Luz Del Fuego irá se dedicar a criação do Clube Ilha do Sol, no Rio de Janeiro, em 1967. O Clube funciona com seus próprios recursos e com a contribuição de sócios. Mas, o alto custo, as poucas reservas financeiras e o empenho para solicitar ajuda de comerciantes, amigos e mesmo da

Federação Alemã de Naturismo não foram suficientes e o Clube da Ilha do Sol foi fechado. Luz Continuou vivendo na Ilha até sua morte trágica em julho de 1967.

O Clube da Ilha do Sol foi o primeiro clube naturista do país. Para Luz Del Fuego “um nudista é uma pessoa que acredita que a indumentária não é necessária à moralidade do corpo. Assim, ela não concebe que o corpo humano tenha partes indecentes que se precisem esconder (AGOSTINHO, 1994, p. 195). Na citação que segue podemos perceber o funcionamento do clube naturista da Ilha do Sol, dirigido por Luz Del Fuego, seguindo as normas internacionais do código de ética naturista quanto aos comportamentos sociais e as atividades corporais:

Nos fins de semana os sócios do clube apareciam. As roupas deviam ser deixadas na entrada, junto ao pequeno cais de madeira. Era proibido levar bebidas alcoólicas, proferir palavrões ou praticar sexo na colônia. A diferença entre naturismo e libertinagem era veementemente ressaltada: “aqui não é rendez-vous nem motel. Se querem sexo, fiquem nos seus apartamentos em Copacabana”. Só eram permitidas as atividades saudáveis. Nadar, jogar vôlei, tomar banho de sol, etc. (AGOSTINHO, 1994, p. 218).

Um segundo momento do naturismo brasileiro irá coincidir com a redemocratização do país, após os duros anos da ditadura militar. Em 1984, a Revista Manchete divulga uma matéria intitulada “Todo mundo nu em Camboriú”, praia situada no litoral de Santa Catarina. Dois anos mais tarde, é criada a AAPP- Associação de Amigos da Praia do Pinho que por sua vez irá se desdobrar na criação da Federação Brasileira de Naturismo (ARRIAL, 2009).

Outro elemento que contribuiu para a organização e divulgação do naturismo no Brasil foi a criação da Revista *Naturis*, entre os anos de 1991 e 2002, quando a revista deixou de ser editada. Outro fator fundamental para o naturismo brasileiro foi a realização do Congresso Internacional de Naturismo, no ano de 2008, em Tambaba,

situada no município do Conde, Paraíba. Tal evento inseriu o Brasil no contexto naturista mundial, conforme os dados apresentados por Reis (2008). Atualmente, o naturismo no Brasil encontra na Federação Brasileira um espaço para a organização e divulgação da prática, informando espaços e normas naturistas.

A partir das fontes consultadas compreendemos que do naturismo europeu ao naturismo brasileiro encontra-se a ideia de filiação e prática associativa normatizada por um código de ética partilhado entre os seus membros e federados por grupos e movimentos organizados com finalidades de lazer, higiene, preocupações ecológicas, educação, entre outras.

Considerando esse panorama da prática do naturismo, situamos nosso interesse em torno de uma filosofia do corpo indicada neste artigo por meio de uma estesiologia naturista e de uma ecologia do corpo.

Uma Estesiologia Naturista

A estesiologia é um dos capítulos da filosofia do corpo proposta por Merleau-Ponty em seus cursos sobre a Natureza nos anos de 1956 a 1960, no *Collège de France*. A estesiologia é o “[...] sentir mesmo. Não é pensar sentir, mas desposseção, ek-stase, participação” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 351). Afastando-se de uma filosofia reflexiva do sujeito, a estesiologia investe nas sensações, na empatia e na intercorporeidade para amplificar a experiência vida e o esquema corporal. O filósofo irá desenvolver essa tese com base na experiência sensível da pintura, do cinema e da literatura como maneiras de pensar que renovam o quadro fenomenológico e ampliam a compreensão de racionalidade e de inteligibilidade a partir do *logos* sensível nas relações existenciais, sociais e históricas.

Trata-se de relações expressivas do corpo em sua relação com o outro e com o mundo. Concordamos com Revel (2015) ao afirmar que em Merleau-Ponty o conceito de expressão é um pensamento de invenção, de inauguração, de criação. Seu interesse pela arte, notadamente pela pintura e pela literatura é um modo de pensar sobre as tensões do mundo, da sociedade, da política, da filosofia e sua linguagem. Assim, a noção expressão é também uma prosa do mundo e de suas tensões individuais e coletivas que se inscrevem diretamente no corpo estesiológico, no corpo e suas sensações. Buscando configurar novos campos de sentido para a filosofia do corpo, investimos na prática do naturismo como movimento capaz de ampliar nosso olhar e criar horizontes de significação e de experiência.

Esse campo expressivo do corpo que encontramos na pintura, no cinema, na dança, na fotografia ou em outras formas artísticas desencadeia um movimento capaz de nos fazer conectar com nossa sensibilidade e assim criar novos esquemas corporais para a percepção e inteligibilidade dos fenômenos e das situações, como é o caso da nudez, por exemplo. De acordo com Clark (2008), a nudez está associada aos tabus sociais, enquanto o nu tem sido usado desde o século XVIII, para assegurar o corpo despido com motivo essencial da obra de arte, em particular na pintura e na escultura.

Esse aspecto da nudez como obra de arte também é explorado pelo movimento naturista. De acordo com Barthe-Deloizy (2003a), os movimentos naturistas consagraram uma larga parte de suas publicações as diversas representações estéticas do nu, em especial na pintura e na fotografia. Inicialmente sob a forma de ilustração em documentos, reportagens sobre a vida cotidiana nos centros e praias naturistas, elas mostram uma visão por vezes ideal da prática, bem como uma forma de propaganda do

movimento ao realçarem o corpo sadio, belo, vigoroso como indicação a seguir para a regeneração higiênica e moral do corpo individual e do corpo coletivo.

Agamben (2012) refere-se ao movimento naturista alemão do início do século XX e nos demais países europeus que pregavam o nudismo como um novo ideal social, reconciliando o homem e a natureza, opondo-se à nudez obscena da pornografia. Nesse contexto, a nudez é entendida como *Lichtkleid*, vestimenta de luz, ou seja, “[...] a invocação inconsciente da antiga concepção teológica da nudez inocente, como vestimenta de graça. O que os naturistas mostraram, não é uma nudez, mais uma vestimenta, não era a natureza: era a graça” (AGAMBEN, 2012, p. 93).

Para além desse aspecto ideológico ou puritano, observamos que uma estesiologia naturista composta pela obra de arte também é nuançada a partir das utopias divulgadas, por exemplo, no Monte Ascone na Suíça. De acordo com Szeemann (2003), o Monte Veritá abrigou intelectuais e artistas que cultuavam o corpo nu, o vegetarianismo, o amor livre e a fusão das artes ou arte total. Rudolph Laban, entre 1913 e 1919, desenvolve no Monte Veritá suas teorias sobre a dança, o movimento, o espaço e a natureza. Ali, ele cria suas danças como celebração e adoração ao sol, coreografias ao ar livre executadas por dançarinas e dançarinos nus, acompanhado de declamação de poemas escritos por poetas de passagem no Monte Veritá.

Essa estesiologia ligada ao corpo nu desperta sensações que se constituem em matéria prima para a criação artística, sobretudo em uma compreensão de arte cujo substrato encontra-se na vida tal qual percebemos no trabalho da artista americana Anna Halprin. O relato da artista nos permite compreender a relação da nudez com a questão da corporeidade e a busca pela liberação de tensões, bloqueios e tabus relativos ao corpo. Para Halprin (2009), a nudez é uma homenagem ao corpo em sua mais alta

expressão de sentimentos íntimos e dessa teatralidade que está em nós mesmos, em nosso coração e em nossa experiência.

Embora o nu seja ressaltado como obra de arte, a nudez continua a ser uma questão para a corporeidade, em especial sua relação com os tabus sociais e subjetivos relacionados à sensualidade e à sexualidade. Artistas como o fotógrafo norte-americano Robert Mapplethorpe (1946-1989) ou a performer italiana Vanessa Beecroft (1969-) são exemplares dessa relação entre arte contemporânea e a nudez ao problematizarem a relação com a sexualidade, o desejo, o prazer. De acordo com Benhamou-Huet (2014), as fotografias de Mapplethorpe são mais estéticas que sexuais, mesmo se o pênis funciona em seu vocabulário pictural como objeto de desejo e de consumo, consumado. De acordo com a autora, hoje somos saturados de pornografia, mas nos anos 1970 as fotografias de *bondage* ou de uma ereção são consideradas como obras de arte pela radicalidade estética que as compunham. Para o artista, o sexo tornado fotografia não é mais o sexo, como o cachimbo pintado por René Magritte não se trata mais de um cachimbo, mas da pintura de um cachimbo.

Mas, não se trata apenas de uma representação. Apreciar uma fotografia, um filme, uma pintura é uma experiência estesiológica. Uma experiência que desperta os sentidos, que articula e cria esquemas corporais entre o movimento do olho e do corpo em geral. De acordo com Agamben (2012), a imagem, à medida que exprime o ser nu, é um meio perfeito entre o objeto no espírito e a coisa real e, como tal, ela não é um simples objeto lógico, mas algo vivo, uma vida. De acordo com o autor, a nudez libera o corpo, assim como em um beijo a boca torna-se realmente boca. Na nudez, as partes mais íntimas e privadas tornam-se um lugar de uso e de prazeres partilhados e os gestos

habituais são decifrados pelo dançarino, pelo artista como um novo uso e uma nova partilha possível da estesiologia do corpo.

Certamente, a estesiologia não se expressa apenas em situações artísticas. A prática do naturismo aviva a experiência estesiológica e suas sensações ligadas a uma ecologia corporal na qual percebemos nosso corpo em contato com os elementos naturais, mas também em contato com o corpo do outro, as normas sociais e valores relacionados ao nu. Nesse sentido, apresentamos um exemplo dessa experiência na Praia de Tambaba, litoral da Paraíba, Brasil, a partir de nossa estadia nesse local durante um fim de semana em outubro de 2015. Compreendemos que essa exploração inicial abre um campo de pesquisa em direção a uma ecologia do corpo como abordaremos mais adiante.

Um Exemplo da Prática do Naturismo na Praia de Tambaba

As praias naturistas são consideradas como novos lugares de sociabilidade para uma nudez coletiva, como aponta Barthe-Deloizy (2003). Em geral, um lugar à margem do fluxo dos veranistas, das grandes rotas turísticas ou dos circuitos oficiais de férias. Sendo a praia um domínio público regulamentado pelo Estado, há um estatuto a ser respeitado em termos de leis aplicadas ao uso do litoral. Nesse contexto, o papel das diversas Federações de Naturismo tem sido fundamental para normalizar essa prática em diferentes lugares.

O centro naturista ou a praia naturista pertencem a esse tipo de espaço no qual a nudez é codificada e partilhada por um coletivo de indivíduos. Esse é o contexto que encontramos para situar a prática do naturismo no Brasil. Segundo dados da Federação Brasileira de Naturismo, atualmente existe dezesseis associações, cinco clubes e 9

entidades parceiras filiadas. Na cartografia oficial do naturismo no Brasil os estados do Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Pará, Paraíba, rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina São Paulo e o distrito Federal possuem uma atividade organizada e regular.

Na Paraíba, destaca-se a Praia de Tambaba, a primeira a obter uma legislação que autoriza a prática no país. Ao visitar a praia, observamos alguns aspectos que exemplificam a prática do naturismo. A estruturação do espaço na praia indica, desde a entrada, uma ruptura das práticas corporais habitualmente: um estrangulamento do terreno constituído por uma duna de areia e uma escada de madeira e arbustos especialmente construída para delimitar a fronteira dos “têxteis” (vestidos) e o acesso à praia naturista. Um painel apresenta a regulamentação ao acesso: “ A partir desse ponto a nudez é obrigatória”. Algumas pessoas se fazem fotografar diante do painel de entrada, mas não se arriscam a atravessar a passagem, disfarçando o constrangimento com um riso irônico. Para estes, há uma atração sob forma de painel no qual podem se fotografar “pelados”, pagando a taxa de dez reais. Trata-se de se fotografar atrás de um manequim de homem ou mulher. Fazer-se fotografar nu, mas em outro corpo que não o seu pode suscitar algumas hipóteses, tais como o fato de no fundo não ousar a se colocar a nu, seja por pudor, hábito cultural; seja porque os corpos nus dos manequins em forma de painel são estereotipados e em “plena forma”, o que não necessariamente corresponde ao estado real de nossos corpos. No entanto, observa-se que na praia naturista todos os corpos são aceitáveis e aceitos em nome de uma ética naturista bem específica, divulgada já na carta disponível no espaço naturista.

Aparentar ser naturista nessas fotografias de fato não nos prepara para a experiência após a passagem. Ainda na entrada, há um quiosque para a venda de

souvenires, mas que serve também de local de informação e orientação aos visitantes e onde também podemos encontrar a pessoa que se ocupa de guardar a fronteira. Em um dos dias de nossa estadia na praia, em um fim de semana, encontramos nesse quiosque um homem que, de retorno do espaço reservado aos naturistas, se queixa a respeito do não respeito à regra da nudez. A quem alertar nesse caso de desrespeito a uma regra ética? A guardiã lhe orienta a enviar um e-mail ao presidente da associação naturista responsável pelas atividades no local.

Logo ao atravessar a escadaria de madeira, encontra-se um vestiário para se despir e arrumar as mochilas, em especial para os que vão se hospedar na única pousada disponível no local ou mesmo para aqueles que vão justo passar o dia na praia, enquanto os naturistas de passagem atravessam o espaço, caminhando na beira da praia e segurando suas vestimentas de banho na mão, exprimindo que se trata apenas de um visitante. Em geral, observamos que as bolsas e mochilas são portadas de modo a esconder, com certo pudor, o sexo, enquanto o torso é mostrado.

Uma vez estando no espaço nota-se que o verdadeiro naturista, geralmente ligado a uma associação, se reconhece pelas zonas de ocupação da praia. Se, como já dissemos, o naturista de passagem circula na beira da praia, outras categorias de naturista se distribuem em três espaços bem delimitados, mesmo não havendo nenhuma fronteira física entre eles. Porém, são fronteiras simbólicas que delimitam os espaços e as práticas: prática regular, práticas comunitárias e práticas que aqui denominamos de “paquera”.

Posteriormente a nossa observação, ao consultar o site da Federação Brasileira de Naturismo, confirmamos essa organização dos frequentadores, distribuídos em áreas específicas, a saber:

Piscinas naturais com águas mornas. A 30 km da capital da Paraíba, João Pessoa, Tambaba foi a primeira praia do Nordeste liberada para o nudismo. Protegida por árvores de grande porte e falésias, tem mar calmo e formações rochosas com piscinas naturais. Os nativos já frequentam as areias de Tambaba sem roupa há muito tempo, mas o naturismo só foi oficializado em 1989. A praia é dividida em três áreas, sendo que apenas uma delas é exclusiva para famílias e casais. Nas outras, homens desacompanhados são bem-vindos. E, na terceira, dá até para ficar com roupa de banho (FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE NATURISMO, 2015, passim).

A Pousada situada na praia também possui um espaço para aqueles que vem justo passar o dia, isolando-se dos demais e ao mesmo tempo aproveitando da praia, com certa comodidade, bem instalados em mesas, cadeiras e guarda sol, em forma de coqueiro. Na Pousada onde nos hospedamos, encontra-se em geral casais (legítimos ou não), homossexual ou heterossexual, jovens ou não; bem como grupos de amigos, familiares ou, como no nosso caso, pesquisadores. Nesse fim de semana, um jovem casal que abusou do álcool e de outras substâncias, sendo expulso da pousada e a jovem conduzida a um hospital da região. Isso porque as normas são claras e estritas em relação a proibição ao uso de drogas, assim como se recomenda a moderação no uso de bebidas alcoólicas.

Os que dormem na pousada devem ser distinguidos dos que vem se instalar durante o dia nas mesas e guardas sois, alternando-se entre o banho de mar, o banho de sol e o frescor da sombra propiciada pelas árvores. Nesse espaço, podemos reconhecer os frequentadores habituais, aparentando uma idade em torno dos cinquenta anos, pele bronzeada e que passam o dia, almoçam, bebem cerveja, jogam frescobol, banham-se no mar, alguns aproveitam para ler. As fotografias não são permitidas, assim também há tempo para a contemplação do mar, do sol e das pessoas que frequentam a praia.

Esses frequentadores habituais são acolhedores em relação aos naturistas de passagem, como observamos em uma situação em que uma senhora idosa, coluna curvada, com dificuldade de caminhar, chega a praia acompanhada talvez de um filho, amigo ou parente para se banhar, apesar de sua dificuldade de locomoção. Um naturista vai ajuda-los, portando-lhes uma cadeira de praia para que ela possa se sentar e aproveitar o banho de mar. Essa cena confirma o aspecto solidário, um gesto ético propagado pelos princípios do naturismo.

Alguns naturistas de passagem, na maioria casais, legítimos ou não, aproveitam do bar para fazer uma pausa, antes de se dirigirem a parte transgressiva da praia, longe dos olhares, abrigados entre os rochedos e outros esconderijos naturais para, quem sabe, ali, em meio à natureza, consumir seu amor. Afastando-se da Pousada e atravessando a duna, em meio a falésias e aos resquícios da floresta tropical, encontra-se um espaço mais “selvagem”, onde se observa a “paquera” e a liberdade transgressiva em relação aos normas naturistas quanto ao comportamento sexual. Um dos frequentadores habituais da praia, integrante de uma das associações naturistas, discretamente, nos informa sobre essa divisão territorial. Alguns desses membros se manifestam por meio de uma vigilância exercida sobre os naturistas de passagem ou sobre os naturistas hospedados na pousada, como nós. Em um de nossos passeios, fomos abordados por um casal de naturistas que conta que moram próximos a praia, cujos corpos bronzeados e liberados, pareciam localizar praticantes para um convite mais íntimo para encontrá-los.

Outro naturista, na manhã de domingo, passava refazendo o mesmo percurso por toda a praia, recolhendo os dejetos deixados pelos desavisados ou menos preocupados com o meio ambiente, caminhando de forma veloz e protestando, a cada passagem do desrespeito às regras ecológicas difundidas. De fato, por volta das cinco horas da

manhã, em nosso passeio pela praia, os restos do fim de semana festivo como preservativos ou latas de cerveja lá estavam, cobrindo a areia da praia.

A parte mais afastada da praia é acessível, notadamente na maré baixa, escalando parte da duna e dos rochedos, a um espaço de encontros essencialmente homossexuais e, no dia de nossa visita, masculinos. Homens sozinhos ou grupos de homens, na extremidade dos limites naturistas da praia apresentam-se em posturas dominantes e oferecendo-se à demanda de serviços sexuais na paisagem escondida. Essa parte das dunas e das falésias oferece inúmeros esconderijos. A distância física entre os naturistas de passagem e os habituais é mais ou menos grande e, se nos aproximamos da significação de naturismo, torna-se clara a partilha da experiência e a dificuldade de delimitar o espaço de deambulação em função das práticas corporais.

Essa divisão da praia em áreas reforça o código de ética específico do naturismo, tal como divulgado pela Federação Brasileira. Nesse sentido, o código de ética considera como “falta grave:

1. Ter comportamento sexualmente ostensivo e/ou praticar atos de caráter sexual ou obscenos nas áreas públicas;
2. Praticar violência física como meio de agressão a outrem;
3. Utilizar meios fraudulentos para obter vantagens para si ou para terceiros;
4. Portar ou utilizar drogas tóxicas ilegais;
5. Causar dano à imagem pública do Naturismo ou das áreas naturistas.

O mesmo código reconhece como comportamento inadequado, os seguintes atos:

1. Concorrer para a discórdia por intermédio de propostas inconvenientes com conotação sexual;
2. Fotografar, gravar ou filmar outros naturistas, sem a permissão dos mesmos;

3. Utilizar aparelhos sonoros em volume que possa interferir na tranquilidade alheia, e/ou desrespeito aos honorários de silêncio regulamentados;
4. Causar constrangimento pela prática de atitudes inadequadas;
5. Portar-se de forma desrespeitosa ou discriminatória permanente e, relação a outros naturistas ou visitantes;
6. Deixar lixo em locais inadequados;
7. Provocar dano à flora e à fauna, ou à imagem do Naturismo;
8. Satisfazer necessidades fisiológicas em áreas impróprias, ou exceder-se na ingestão de bebidas alcoólicas, causando constrangimento a outros naturistas;
9. Utilizar assentos de uso comum sem a devida proteção higiênica;
10. Apresentar-se vestido em locais e horários exclusivos de nudismo, sendo tolerado às mulheres o top less, durante o período menstrual.

Nesse código de ética percebe-se uma relação do corpo com a moral e uma observação de regras em relação aos comportamentos sexuais e a uma visão da sexualidade reduzida, de certo modo, aos órgãos sexuais. Nota-se uma preocupação com uma imagem saudável e polida em relação ao outro, bem como uma atenção à preservação e ao cuidado com o meio ambiente e à higiene. Tais aspectos coadunam com os princípios da prática divulgados no movimento europeu e em suas origens higiênicas e morais que se transformam ao longo do século XX e nos dias atuais como podemos observar na prática do naturismo.

De acordo com Agamben (2012), em nossa cultura a nudez é inseparável de uma assinatura teológica. Todos conhecemos a narrativa do Gênesis segundo a qual Adão e Eva, após o pecado original, percebem pela primeira vez sua nudez e a descoberta do corpo. Assim, “a corporeidade nua é o resíduo gnóstico irreduzível que insinua na criação uma imperfeição constitutiva e que se trata de cobrir” (AGAMBEN, 2012, p.91). Essa pesada tradição em relação a nudez do corpo humano ao mesmo tempo causa desejo e fascinação face a exibição das aparências e imagens de corpos nus e

provoca turbulências no campo social, como podemos ver em certas performances artísticas e no próprio movimento naturista.

A questão da nudez e do pudor vão sendo questionadas ao longo da história, como nos mostra Boulogne (1986). Nesse contexto, o movimento naturista, assim como outros movimentos de contestação social, em especial nos anos 1960 na Europa, contribuíram para problematizar a questão do pudor.

Para Corbin (1988), o pudor e o medo do estupro ocular ordenam o uso das roupas de banho que, na longa duração, vão sendo normalizados, uniformizados em função dos imperativos moral, terapêutico e ginástico. Na praia, ao abrigo do álibi terapêutico se constrói uma nova economia das sensações destinada ao lazer e a uma nova maneira de experimentar o corpo, buscando extirpar o desejo que o perturba. Trata-se de um processo de contenção que acompanha o refinamento da escuta de si. Esse aspecto também se encontra nas praias naturistas conforme uma ordenação das regras, comportamentos e usos do corpo nu.

De acordo com Baubérot (2004), no naturismo observa-se um disciplinamento do olhar, um controle das percepções que faz com que os sexos e os seios se tornem invisíveis ou pelo menos que não sejam carregados de erotismo. Assim, o controle de si é reivindicado pelos promotores do nudismo. A capacidade de controlar as emoções seria o signo de uma liberação que permite reencontrar os benefícios do comportamento “natural”.

No entanto, esse comportamento “natural”, é problematizado a partir das referências teóricas, sociais, filosóficas, históricas. O corpo nu também é construído por normas, rituais, aparências, gestos, atitudes e comportamentos sociais que se transformam no processo histórico e no interior das diferentes culturas e sociedades.

Para Urbain (1994), nudismo e naturismo são signos anunciadores da ruptura como o moralismo do século XIX na Europa através da manifestação de práticas hedonistas no litoral. Práticas individuais ou coletivas que progressivamente desculpabilizam o indivíduo ao fazer da praia não mais um lugar de redenção, mas de prazer e reconciliação entre o homem e a natureza.

Na praia, a partir do corpo bem cuidado, preparado, protegido e mostrado podemos observar essas relações entre a natureza e a cultura, os desejos e os medos, as pulsões e repulsões que são também uma narrativa do mundo, das normas sociais, dos códigos de civilidade e dos modos de vida. Nesse contexto, o corpo apresenta-se como retrato e paisagem, centro luminoso e ponto de fuga da expressão de inúmeras técnicas e práticas sociais, amalgama de uma forma de vida ligada ao prazer, ao desejo de se desenvolver plenamente através da sexualidade.

Para Baubérot (2004), afirmar o respeito às leis da natureza, a alimentação vegetariana e a exposição coletiva do corpo nu aos elementos naturais em períodos de férias e de lazer não significa descobrir uma nova verdade ontológica, mas elaborar um novo discurso sobre as relações do corpo com a sociedade. Assim, o naturismo é revestido de uma visão sanitária, mas designa sobretudo a partir de meados do século XX uma relação com o lazer, a vida ao ar livre no qual as pessoas passam a frequentar um centro naturismo ou encontrar amigos em uma praia naturista. Mais recentemente, associa-se ainda essa prática também a preocupações ecológicas.

Uma Ecologia Corporal Através do Naturismo

Hoje a visão de seios nus na praia não choca mais: é uma nova norma da nudez sócio-erótica. As mulheres expõem essa parte de seu corpo ao sol, as tocamos apenas com o olhar. A praia coloca em cena corpos

depilados e a cerimônia do espaço conquistado pelas toalhas de banho. Passamos assim do simples bronzeamento a uma verdadeira geografia do nu: a escolha de um lugar na praia indica a prática corporal e de sensorialidade sensorial tolerada (ANDRIEU, 2008, p. 65).

A partir do referencial consultado, nota-se que o nudismo é construído em um longo processo de transformação de normas, não inteiramente concluído, que tende a ultrapassar códigos do vestuário, mas também códigos de comportamento social relacionados a aspectos sanitários, higiênicos e, mais recentemente, de lazer.

Para Guattari (1989), é nesse contexto de descentramento, de multiplicidade, de antagonismos e de processos de singularização que surgem novas problemáticas ecológicas em escalas individuais e coletivas, em particular no que concerne a vida cotidiana ou ainda a processos como a reinvenção da democracia, do urbanismo, da criação artística, do esporte, do lazer. Nesse contexto, o naturismo se insere como um dispositivo de produção de subjetividades e como uma ecosofia social, mental, corporal como possibilidade de reinventar formas de estar e de ser em coletividade, transformando a relação com o corpo, com o fantasma do tempo que passa visível no envelhecimento, padrões estereotipados de beleza, comportamentos éticos, entre outros aspectos.

Compreendemos que a prática do naturismo e em seu interior o nudismo pode ser visualizado em um contexto mais amplo da ecologia do corpo no qual se busca construir novos parâmetros para a relação entre o corpo, a natureza, a sociedade. A ecologia não é apenas um discurso, mas uma prática que engaja nossa responsabilidade cotidiana e que se liga também a uma consciência corporal através da reflexão sobre nossos gestos e suas consequências. “A ecologia corporal é uma prática de si que se ocupa do cuidado dos outros por meio das escolhas de vida” (ANDRIEU, 2011, p. 12). Não se trata de um retorno a um estado de natureza ideal, mas a observação de nosso

estilo de vida, nossos modos de produção e de consumação. Nessa perspectiva de uma ecologia corporal os elementos materiais, a saber: o ar, água, o sol e a terra penetram nosso corpo, assim nos ecologizamos também no instante mesmo em que respiramos, sentimos o calor ou a profundidade da água, por exemplo.

A atividade física nua própria ao naturismo e tal como a encontramos na bibliografia consultada é presente sem a conotação de bronzamento, erotismo ou sedução. Em Tambaba, encontram-se em atividade os grupos Sonata, Território Macuxi, Tambaba Nua e Movimento Nu. Este último, o Movimento Naturista Unidos, organiza a prática do “Surf nu” e realiza sistematicamente o *Tambaba Open de Surf Naturista*. O grupo busca despertar para uma consciência ecológica, consolidar e divulgar o naturismo como filosofia de vida próxima a natureza. Nós podemos entrevistar de modo informal, o presidente da associação Movimento Nu, que havia instalado nesse fim de semana uma tenda na praia. O projeto da associação visa difundir o naturismo e a ecologia. Nesse dia, o aniversário dos associados estava sendo festejado entre os praticantes em meio a bolos, frutas, refrigerantes.

O surf nu é uma prática ecológica e que libera o corpo em função das ondas. A liberdade de movimento é favorecida e a nudez torna-se esportiva, sem a preocupação da exibição de si mesmo para além do gesto admirado pelos naturistas da praia. O surfista nu não se demora na praia, ele vai diretamente para a água e ali permanece o tempo mais longo possível, ao menos enquanto a luminosidade permite observar a boa onda. Na praia, jovens adolescentes vêm praticar o surf, mas já demonstrando suas habilidades e liberdade do corpo nu.

Andrieu (2011) nos mostra como o naturismo solar favoreceu a criação de clubes, centros e vilas naturistas que progressivamente vão se tornando balneários

turísticos ligados ao lazer e ao bem-estar, como podemos perceber ainda hoje na Europa e também em algumas praias brasileiras. Compreendemos que a prática do naturismo é também uma possibilidade de ecologia corporal ligada a uma vida ao ar livre, a energia solar e desde o seu surgimento na Europa do século XIX vinculada à práticas higienistas, mas também à arte e à filosofia por meio da estesiologia capaz de ampliar nossa sensibilidade e criar novas partilhas sociais, novos modos de vida que valorizem a intercorporeidade e a perspectiva ecológica.

A partir da perspectiva da ecologia corporal vislumbramos uma nova composição ou uma sensibilidade íntima do espaço e das práticas que favoreçam a imersão do corpo e o despertar de sensações profundas. Trata-se ainda em um investimento em uma nova inteligibilidade filosófica do corpo que dialoga com estilos de vida e perspectivas existenciais diversas em busca de partilhas de sentidos e de expressão da vida individual e coletiva.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Nudités**. Paris: Payot & Rivages Poches, 2012.

AGOSTINHO, C. **Luz Del Fuego**: a bailarina do povo. São Paulo: Best Seller, 1994.

ANDRIEU, B. **Bronzage**: une petite histoire du soleil et de la peau. Paris: CNRS, 2008.

_____. **En plein soleil**: vers l'énergie. Biarritz : Atlantica, 2011.

ARRIAL, L. **A ética e a estética dos corpos nus**: um estudo de caso do naturismo como proposta de educação ambiental. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental), FURG, Rio Grande do Sul, 2009.

BAUBÉROT, A. **Histoire du naturisme**: le mythe du retour à la nature. Rennes : PUR, 2004.

BARTHE-DELOIZY, F. La naturisme: des cures atmosphériques au tourisme durable, **Communications**, n°74, 2003, p. 49-64.

_____. **Géographie de la nudité** : Être nu quelque part. Paris : Bréal, 2003 a.

BENHAMOU-HUET, J. **Dans la vie noire et blanche de Robert Mapplethorp**. Paris : Grasset, 2014.

BOLOGNE, J.C. **Histoire de la pudeur**. Paris : Olivier Orban, 1986.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Camina a El-Rei sobre o achamento do Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

CLARCK, K. **Le nu**. Tome I. Traduit par Martine Larroche. Paris: Hachette, 2008.

CORBIN, A. **Le territoire du vide: l'Occident et le désir du rivage (1750-1840)**. Paris : Flammarion, 1988.

DESCAMPS, M-A. **Le nu et le vêtement**. Paris :Éditions Universitaires, 1972.

_____. **Vivre nu: psychosologie du naturisme**. Paris: Trimegiste, 1987.

DONNARS, Y. 2001, **L'espace du possible: pour des vacances polyphoniques**. Paris: Moulin, 2001.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE NATURISMO. **Home**. Disponível em <https://www.fbrn.org.br/?page=home>, Acesso em: 31 dez. 2015.

FFN - FEDERATION FRANÇAISE DE NATURISME. **Histoire et présentation**. Disponível em <https://ffn-naturisme.com>, Acesso em : 29 dez. 2015.

GUATTARI, F. **Les trois écologies**. Paris : Galilée, 1989.

HALPRIN, Anna. **Mouvements de vie**. Traduit par Élise Argand et Denise Luccioni. Bruxelles: Contredanse, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. **Le crut et le cuit : mythologiques**, 1. Paris : Plon, 1964.

MERLEAU-PONTY, M. **La nature. Notes Cours au Collège de France**. Établi et annoté par Dominique Séglerd. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

PEREIRA, P. **Corpos nus: verdade natural**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2006.

REIS, J. P.C. **Da praia aos poros: uma etnografia do naturismo na praia de Abriçó/RJ**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

REVEL, J. **Foucault avec Merleau-Ponty: ontologie politique, présentisme et histoire**. Paris : Vrin, 2015.

SARLADENNE, R. **Le Nu Intégral**. Paris: Prima, 1929.

SILVA, F. O Significado da Experiência Naturista. COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE 8, 2014. **Anais...** Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão/SE, 2014.

SZEEMAN, H. Monte Verità. In : ROSIER, C. (Éd.). **Être ensemble** : figures de la communauté en danse depuis le Xxe siècle. Pantin : CND, 2003.

URBAIN, J-D. **Sur la plage**: mœurs et coutumes balnéaires. Paris : Payot&Petit rivages, 1994.

VILLARET, S. **Naturisme et éducation corporelle** : des projets réformistes aux prises en compte politiques et éducatives. Paris : L'Harmattan, 2005.

Endereço dos Autores:

Bernard Andrieu
5 Rue Edouard Branly, Issy Les Moulineaux,
Paris – France – 92.130
Endereço Eletrônico: bandrieu59@orange.fr

Terezinha Petrucia da Nobrega
Av. Nascimento de Castro 1645, apto 602, Lagoa Nova
Natal – RN – 59.056-450
Endereço Eletrônico: pnobrega68@gmail.com